

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E SEUS DESAFIOS JUNTO À FAMÍLIA/COMUNIDADE

Silvano da Conceição

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

silvano_cso@hotmail.com

Resumo

No presente texto procuramos investigar a relação entre a escola e a família/comunidade, visando buscar compreender essa relação para, num segundo momento, propor algumas ações que tornem essa relação mais proveitosa para ambas as partes envolvidas com o cotidiano escolar. A construção do mesmo ocorreu a partir de entrevistas com pais/responsáveis por alunos e coordenadores pedagógicos de Creche, escola pública (EMEI) e escola particular, na cidade de São José do Rio Preto/SP no ano de 2007.

Abstract

In this paper we investigate the relationship between school and family / community in order to try to understand this relationship, second, to propose some actions that make this relationship more profitable for both parties involved with the school routine. The construction of the same was based on interviews with parents / guardians of students and coordinators Nursery, public school (EMEI) and private school in the city of Sao Jose do Rio Preto in 2007.

1 - Apresentação

Muitos sociólogos chamam a atenção para a questão do fracasso escolar como sendo provocado pela falta de integração da família com a escola. Mas segundo Cunha (2003, p. 447) “a família e a escola são instituições sociais que gravitam em torno de um mesmo centro, o educando, seja ele criança ou jovem, ou em alguns casos, adulto”. O presente trabalho traz os resultados de uma pesquisa desenvolvida na cidade de São José do Rio Preto/SP, no ano de 2007. Além do levantamento bibliográfico realizamos entrevistas em três escolas: Escola Municipal de Educação Infantil; Escola de Período Integral (Creche); Escola Particular. Todas as escolas selecionadas pra participarem da pesquisa atendiam alunos de uma mesma faixa etária. Para responderem ao questionário sugerido pela pesquisa foram selecionados os responsáveis legais pelos alunos e as coordenadoras dessas escolas. Nessas entrevistas nosso objetivo foi o de aprofundar a análise sobre o tema *Escola e Comunidade*, acompanhando mais de perto a relação escola x famíliaⁱ.

Abrir as portas à participação de familiares e da comunidade, ajuda os alunos a terem sucesso na vida escolar e colabora para diminuir a evasão e a violência. Nesse sentido, o objetivo principal desse trabalho é demonstrar que a construção de uma boa relação entre a escola e a comunidade não pode ser permeada nem pelo objetivismo, que trabalha com fórmulas prontas para serem colocadas em prática pelos atores sociais, nem pelo subjetivismo, no qual o indivíduo age de modo exclusivo com suas escolhas, preferências e atitudes (BOURDIEU, 1992). Compreendemos que a construção dessa aproximação deva obedecer a um princípio no qual se reconheça as funções e as responsabilidades de todos os atores sociais envolvidos, sejam eles da comunidade ou da escola.

Ao fazer sua crítica ao objetivismo e ao subjetivismo, Bourdieu sugere focar a atenção na análise da carga cultural ou herança familiar como vetor do sucesso ou insucesso da pessoa nas fronteiras internas da escola. Essa perspectiva faz todo sentido na medida em que a escola faz parte da vida cotidiana de cada família, mas essa relação varia muito com os costumes, classes sociais, meio urbano ou rural, ou seja, varia muito com o nível sócio-econômico da comunidade e, por conseguinte, das famíliasⁱⁱ.

Tal como aponta a análise dos dados coletados junto às entrevistas realizadas com pais de alunos e coordenadores de cada uma das escolas, uma das grandes dificuldades quanto a participação da comunidade junto as atividades na escola está localizada na dificuldade de superação daquilo que Bourdieu (1992) nomeou como arbitrário cultural, que identifica a cultura produzida na escola como legítima, única e universalmente válida. A partir dessa proposição do raciocínio do autor supra-citado, seria possível desmistificarmos explicações

sobre a dificuldade na relação entre escola e comunidade, assentadas numa dificuldade de compreensão das funções que escola, comunidade e famílias possuem no processo.

2 – Alguns apontamentos da relação entre a escola e a família

Notadamente, professores e gestores têm, sistematicamente, reclamado do desinteresse dos pais para com a educação dos seus filhos. Seria fundamental a participação das famílias junto a questões que ocorrem no cotidiano escolar dos filhos, na medida em que o acompanhamento poderia favorecer uma relação mais próxima junto à escola, evitando assim uma sobrecarga de funções, uma multiplicidade de papéis que vai tem ido cada vez mais além das reais possibilidades da escola. Quando o comportamento e o cotidiano escolar deixam a desejar, começa o jogo do empurra. Analisando essa questão Gentile (2006, p. 32) assim afirma:

Professores culpam a família “desequilibrada”, que não impõe limites nem se interessam pela educação. Os pais, por sua vez, acusam a escola de negligente, quando tacham o próprio filho de irresponsável. Nessa briga, nada saudável, a única vítima é o aluno.

Por isso, a relação entre a escola e a família para pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, pois seus impactos são sentidos na vida social como um todo. A família e a escola contribuem no desenvolvimento social, pois onde não houver famílias bem constituídas, onde não existir escolas bem organizadas, o aluno encontrará dificuldades cada vez maiores para o seu aprendizado. A partir daí observamos a necessidade da relação construtiva de ambas para que todos possam obter êxitos futuramente. Devemos considerar também a relação com o professor, valorizando-o, tendo uma relação de respeito, garantindo um bom relacionamento da família, sempre mantendo contato com ele para saber sobre o desenvolvimento da criança na sala de aula, pois é exatamente isso que sugere a Lei 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes da educação nacional:

Título I

Da Educação

Art.1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (CURY, 2005, p. 3).

Título II

Dos princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CURY, 2005, p. 3).

O jogo de empurra em nada contribui para que tenhamos uma escola engajada numa formação plena das novas gerações, bastaria, portanto, que cada um cumprisse o seu dever perante a lei supra-citada, ou seja, a formação de cidadãos autônomos e qualificados depende fundamentalmente do reconhecimento de que a educação é um dever da família e também do Estado. Mas o Estado e a família estão deixando a desejar no cumprimento das metas determinadas pela LDB, pois é muito comum a escola dizer que não sabe mais o que fazer com esse aluno, ou a família afirmar que a escola não dá atenção ao seu filho, ou seja, um jogando a culpa no outro, não se preocupando com o alvo que é a educação da criança.

De acordo com esse pensamento, Cunha nos diz: “família e escola são instituições sociais que gravitam em torno de um mesmo centro, o educando, seja ele criança ou jovem ou, em alguns casos, adultos” (CUNHA, 2003, p. 447).

Tal como o mundo sofre inúmeras alterações estruturais, culturais, econômicas e sociais, as famílias também tiveram seus comportamentos sociais mudados, no qual buscam uma vida mais confortável, movida pelo consumismo, pela mídia e com muitas necessidades de ganho, de acumulação de riquezas. A questão do desdobramento das pessoas para o acúmulo de capitais não é o ponto central da questão, mas antes a maneira como as famílias gerenciam tudo isso com a vida escolar dos seus filhos, dito de outra forma, a questão central a ser analisada é o fato de distanciamento que os pais vão tendo em relação ao acompanhamento da vida escolar do filho, na medida em que essa postura sugere um equívoco dialético-reflexivo do papel da família na formação dos filhos.

Estando afastada da escola e da vida escolar do seu filho a família pode estar influenciando a criança a desenvolver comportamentos agressivos, podendo os mesmos deixar de respeitar os professores e todos aqueles com ele envolvidos na comunidade escolar. Por isso, a fraca relação da escola com a família implica em dificuldade de troca de opiniões, discussão dos problemas para buscar em juntos uma solução.

Apesar da legislação favorecer o envolvimento das famílias nas escolas, muitas dessas escolas mantêm seu padrão tradicional de interação com as famílias. Isso ocorre devido à falta de preparo dos professores e coordenadores, que são instrumentos chave dessa relação. Importante saber que é a escola que deve tomar a iniciativa de aproximação com os pais e

com a sociedade, visto que à ela cabe desmistificar um conjunto de verdades historicamente construídas junto a sociedade em geral.

No item a seguir estaremos apresentando uma análise dos resultados de um conjunto de entrevistas aplicadas junto aos pais, coordenadores e professores das diferentes escolas da cidade de São José do Rio Preto, na tentativa de compreender esta relação problemática entre família e escola, assim como fazer alguns apontamentos quanto as possibilidades de estabelecimento de uma relação positiva, com bons frutos, tanto para a família como para a escola.

3 - A relação escola/família em algumas escolas de São José do Rio Preto

A relação entre a escola e comunidade é pautada por uma mudança/transformação contínua, mas notamos que cada uma delas trabalha essa relação de modo diferente e isso implica na maneira como cada uma delas percebe, sente e processa essas mudanças e transformações no seu interior. Para tanto, boa formação é fundamental, assim como o tempo dedicado a profissão também ajuda na aquisição de capacidades que permitem ao profissional encaminhar de forma positiva as questões que tocam o seu cotidiano.

As escolas onde foram realizadas as entrevistas representam o espaço geográfico e social da cidade de São José do Rio Preto, uma vez que havíamos compreendido que esta seleção nos proporcionaria uma leitura mais fiel da realidade investigada. Por isso mesmo, a amostra contou com escolas da periferia e da região central da cidade.

Quando as coordenadoras foram questionadas sobre o apoio dado pela comunidade/família quando a escola solicitava todas acusaram que, em geral, as famílias apoiavam, mas esse apoio não significava uma ajuda na elaboração das atividades, mas antes uma participação apenas na fase final das atividades ou eventos, ou ainda, o cumprimento de parte das obrigações destinadas aos pais, tais como, higiene pessoal, realização de atividades extra-classe. Assim, respondeu a coordenadora da escola particular quando questionada: “temos apoio da grande maioria, temos uma parceria tanto com a comunidade escolar, quanto com a comunidade externa, que sempre está nos apoiando” (ENTREVISTA, 2007). Já nas escolas públicas (EMEI e Creche) tem-se o apoio da comunidade, mas somente uma porcentagem ajuda.

Notamos então que, muitas escolas, principalmente as públicas, o apoio da comunidade/família deixa a desejar, sobrecarregando a escola com algumas funções que deveriam ser realizadas pela família. A coordenadora da EMEI, reclama que a escola abraçou a causa de cuidar das crianças em todos os aspectos, ficando prejudicado o de ensinar.

Dando continuidade a análise, vimos um aspecto importante: todas as escolas possuem um horário específico de atendimento aos pais, cada uma com dias e horários diversificados. Devemos ressaltar que, segundo os dados da nossa pesquisa, somente os pais da escola particular comparecem nesse dia e hora para saber do cotidiano escolar do seu filho.

De acordo com as respostas das coordenadorasⁱⁱⁱ A e C, os pais só comparecem nos dias específicos de atendimento se forem “convocados”, caso contrário, não se interessam muito, alguns até comparecem sem serem chamados, mas não é o suficiente para a escola sentir uma segurança de que essa família está, efetivamente, interessada no acompanhamento escolar dos filhos.

A Revista *Nova Escola* (p. 35), sugere algumas dicas importantes para que a escola possua um bom relacionamento com a família. Citemos algumas delas:

Com relação à matrícula, logo no primeiro contato, cabe ao diretor ou ao coordenador mostrar o espaço físico e a proposta pedagógica, ouvir dúvidas e responder com clareza;

Com a matrícula efetuada, o ideal é conhecer o percurso escolar do novo aluno, as preferências e gostos dele, dados sobre saúde, relacionamento e comportamento em casa;

Definir em conjunto quais serão os canais de comunicação (bilhetes, e-mails, telefone).

De acordo com as respostas da coordenadora da escola particular os itens citados anteriormente são rigorosamente respeitados, segundo a coordenadora os pais quando vão matricular seus filhos, passam por uma entrevista, na qual ficam cientes da metodologia de ensino oferecida pela escola, assim como uma apresentação de todas as instalações que a escola possui. Junto a esse conjunto de informações a coordenadora aproveita para fortalecer a importância da participação dos pais nas atividades propostas pela escola e também da participação em todas as reuniões pedagógicas.

As escolas entrevistadas fazem o uso do caderno de recados, para manter um contato direto com os pais, sendo também que a família tem total acesso e liberdade para se comunicar com a escola quando necessário, por meio do telefone ou indo pessoalmente. Ainda, na pesquisa realizada, as mães entrevistadas dizem que quando procuram a direção são bem recebidas, e que nunca tiveram problemas quanto ao atendimento dos professores e também dos demais funcionários da escola.

A Revista *Nova Escola* oferece mais algumas dicas sobre as reuniões realizadas na escola, tais como:

Comunicar logo no começo do ano o dia e o horário previstos para os encontros, de preferência compatíveis com os de quem trabalha fora;

Explicar para que a escola ensina determinados conteúdos, como ela ensina e como a criança aprende;
Mostrar a evolução da aprendizagem dos jovens;
Informar sobre os projetos didáticos e perguntar como cada família pode contribuir.

Seguindo essas dicas, observamos alguns aspectos importantes sobre as reuniões das escolas pesquisadas. As escolas públicas informam em reuniões os conteúdos que estão trabalhando na escola, e isso muitas vezes agrada aos pais, muitos deles questionam, se interessam pelo assunto. E novamente a escola particular trabalha de maneira diferenciada no tocante a transmitir aos pais todo o conteúdo pedagógico, visto que os pais recebem, além da pauta das reuniões pedagógicas, um texto que contém o conteúdo do assunto que a escola gostaria de discutir com os pais e/ou responsáveis dos alunos.

Acreditamos que essa prática poderia começar a fazer parte da postura dos coordenadores de escolas, visto que a um só tempo esta atitude transmite maior segurança e profissionalismo. O envolvimento com temas relacionados ao cotidiano escolar traz, invariavelmente, uma maior nível de aproximação dos pais e/ou responsáveis junto às escolas, deixando a comunidade escolar mais fortalecida no tocante ao enfrentamento das questões que afligem o seu cotidiano.

As escolas, além das reuniões, possuem horário específico de atendimento aos pais, porém estes nem sempre comparecem, a única escola que diz com toda segurança, é a escola particular, em que não tem nenhum problema quanto ao comparecimento dos pais, pois segundo a coordenadora B, os pais comparecem por livre e espontânea vontade. Já nas escolas públicas (EMEI, Creche) os pais só comparecem se forem convocados para resolver algum problema. A partir daí, sentimos uma dificuldade que as escolas públicas sofrem na relação com a família.

A Revista *Nova Escola* (p. 35) dá outras dicas importantes para o relacionamento do dia-a-dia escolar:

Convidar os responsáveis para falar sobre a profissão deles sempre que for interessante para o entendimento de conteúdos e projetos;
Chamar pais, avós ou tios para ir à escola contar histórias do passado, ler livros, ensinar uma brincadeira ou fazer um doce;
Chamar os pais não só para comparecer, mas também para ajudar na organização de festas juninas, feiras de Ciências e jornadas culturais ou esportivas;
Abrir a biblioteca, o laboratório de informática e a quadra de esportes para uso familiares;
Promover palestras e debates que tenham como objetivo a formação dos pais, tratando de assuntos de interesse geral, como saúde, mídia, drogas, sexualidade etc;

Enviar relatórios periódicos sobre o desempenho da classe e as conquistas individuais;
Informar sobre mudanças na estrutura física, na organização do espaço e do tempo escolar ou na equipe pedagógica.

Sobre o dia-a-dia escolar, nas escolas entrevistadas, cada uma trabalha de maneiras diferentes, e por isso mesmo, cada uma obtém resultados diferenciados. Por exemplo, quando a EMEI promovia eventos a família/comunidade só participava na fase final^{iv}. Já para a escola de Período Integral notamos que a mesma procurava integrar a família nos eventos, para que pudessem participar tanto na organização como na efetiva realização do evento. Somente em alguns casos em que a escola fazia alguma surpresa para a família, que estas participavam somente da fase final.

De acordo com a coordenadora da escola A, é função da família a responsabilidade de cuidar da higiene pessoal da criança, mas a escola abraçou essa causa, visto que muitas crianças chegavam à escola carecendo de atenção quanto à sua higiene. Pela reclamação da coordenadora da EMEI, notamos uma contradição na entrevista realizada com a mãe de aluno da escola A quando a mesma afirma que a família tem que ensinar em casa, e a escola dar continuidade. Pelo que observamos a escola não apenas dá continuidade como também tomou conta de algumas funções que as famílias deveriam assumir. Já na escola particular esse episódio não ocorre, pois quando a criança não está em bom estado de higiene, a coordenadora conversa com os pais dessa criança para que o evento não aconteça novamente.

Analisando a questão *Como você avalia a relação escola/família do ponto de vista pedagógico* da pesquisa realizada nas escolas, vimos que cada coordenadora tem uma opinião sobre essa questão. A coordenadora da escola A afirma que, “a família não se interessa pelo conteúdo pedagógico, e nem valorizam o trabalho realizado pela escola”. A coordenadora da escola B diz que “essa relação está cada vez mais evoluindo, pois a escola trabalha para essa evolução”. Já a coordenadora da escola C fala sobre essa questão afirma que:

Diante do nível sócio-cultural de algumas famílias, por não saberem ler e nem escrever, estas se sentem intimidadas, pois por não entenderem nada, ficam a desejar nessa relação”. Afirma a coordenadora ainda que, pela correria do dia-a-dia, as famílias acabam se afastando na relação com a escola, por isso, a coordenadora acha bem complicada essa relação (ENTREVISTA COORDENADORA, 2007).

Entendemos que mesmo na correria das famílias a coordenadora não deveria descartar a relação com a escola, pois os pais devem se preocupar mais com a educação dos seus filhos, e sempre encontrar um tempo para estar por dentro do cotidiano escolar, e manter um contato direto com a escola. Mas isso não acontece, ficando a relação escola/família bem distante da ideal, como afirma a coordenadora da escola C.

Todas as mães entrevistadas afirmam que a qualidade do ensino oferecido pelas escolas dos seus filhos é ótima, e justificam dizendo que seus filhos sempre fazem comentários sobre as atividades aprendidas.

Há uma discussão importante na questão em que as coordenadoras falam da multiplicidade de papéis com os quais as escolas tem que lidar. Cada escola entrevistada tem um ponto de vista importante. A coordenadora da escola B respondeu essa questão dizendo que não aprova, na sua opinião a família tem que ser mais responsável e mais cuidadosa com seus filhos, não sobrecarregando a escola com atitudes que os pais deveriam tomar. A coordenadora da escola C, diz que é muito complicado, mas que encara com alegria e amor, pois pensa no bem estar da criança e faz pelo seu profissionalismo. Segundo a coordenadora da escola C, a escola não está lidando com uma máquina, e sim com um ser social. A coordenadora da escola C não parece se importar muito em fazer o papel da família, pois sempre que precisa encaminhar uma criança à um especialista, procura fazer para ajudar a família.

A coordenadora da escola B afirma que a escola não pode substituir a família, cada um tem sua responsabilidade. A criança não pode deixar de ter uma referência familiar, a escola dá ferramentas para o desenvolvimento cognitivo e moral.

Outro importante aspecto que devemos destacar nessa análise, é que a escola particular tem um projeto de integração da família na escola, no qual toda semana, alguém da família vai à escola dar uma palestra para os alunos, dar um curso de culinária, ou bordado, mãe ou pai vão para a sala de aula contar uma história. Isso é fundamental para integrar a família na escola, pois quando participam diretamente do dia-a-dia da escola, descobrem que a escola enorme esforço para educar as crianças, sempre pensando no bem estar do educando.

Considerações finais

A aproximação por parte da escola, tendo por objetivo central uma maior integração, visa a formação do indivíduo para a sua melhor socialização. Por este motivo esta parceria é fundamental, a escola fornece conhecimentos próprios e específicos de seu âmbito

e a família suas regras de convivência. Quando ocorre a união das partes têm-se os indivíduos formados para a sociedade como um ser pleno, crítico e reflexivo.

Este se configura, sem dúvida alguma, como um dos grandes desafios a ser enfrentados por aqueles que fazem a gestão escolar na cidade de São José do Rio Preto, pois o que notamos por meio da análise das entrevistas configura uma relativa paralisia de ambas as partes (escola e comunidade), sendo que este processo é mais perceptível junto a EMEI e a Creche.

Normalmente as escolas reclamam que além de sobrecarregá-la com funções que são da família, os pais tratam as professoras como "empregadas". Por um lado, os pais/responsáveis cobram da escola limites aos filhos, a não ocorrência de mordidas e brigas, alimentação inadequada, roupas trocadas ou perdidas, desatenção e falta de cuidado com seus filhos, preço de materiais e passeios, à falta de preparo dos professores, reuniões pouco esclarecedoras. Por outro lado, a escola reclama que os pais não cuidam dos filhos, que são ausentes, que não olham a agenda para ver se tem recado, que não participam das reuniões ou que ficam reclamando de tudo, quando a escola solicita a presença dos pais, a mesma não é atendida, etc.. Mas nem tudo está perdido, pois há também elogios, experiências interessantes sendo desenvolvidas, que sugerem em alguma medida respeito mútuo, tal como pudemos constatar na análise das entrevistas, sobretudo para os dados referentes à escola particular. A análise das entrevistas sugere ainda que as creches e pré-escolas possuem um forte cunho assistencialista, higienista e compensatório.

As tentativas de aproximação entre escola e família/comunidade podem ser trabalhadas de várias formas, facilitando os caminhos para uma boa relação, entre elas a escola pode se tornar um espaço aberto, no qual, a presença dos pais pode ser muito interessante. Porém, é importante ressaltar que isto deve ser feito de acordo com algumas regras estabelecidas de forma conjunta. Os pais podem participar de inúmeras atividades como: ajudar na organização de festas e eventos, falar sobre seu trabalho e/ou profissão, ensinar uma atividade que realizam como, por exemplo, um trabalho com argila, trançados com fibras, contar histórias, ensinar danças e músicas, lanche com os filhos na escola, participar de passeios acompanhando as crianças.

A Escola também tem que se tornar uma referência educativa esclarecendo dúvidas, promovendo debates, ensinando, orientando, trocando informações sobre os mais diversos assuntos de interesse da comunidade escolar, tornando também lugar de construção do conhecimento. Convidar os pais a participarem mais vezes para assistirem exposições de

trabalho, de dramatizações, feiras de arte, de literatura, de ciências e dos mais diversos saberes, as crianças têm também muita coisa para ensinar aos pais, é preciso dar a voz a elas.

Escola deve ser o lugar que possa trocar afetividades, mantendo uma correspondência com os pais para que eles possam se interagir mais no que está sendo desenvolvido em sala de aula. Pode também envolver os pais em leituras de livros que os alunos levam para casa no fim de semana, proporcionando momentos de proximidade entre pais e filhos.

Desde a creche, competência, sensibilidade e compromisso precisam caminhar juntos para que a construção de um trabalho pedagógico de qualidade, que envolva também os pais, possa assegurar os direitos da criança a uma educação capaz de assegurar o desenvolvimento de todas as potencialidades que as crianças sejam capazes.

Torna-se necessário uma reflexão por parte dos dois extremos dessa complicada relação, uma conscientização para atingir um objetivo comum, que no caso são as crianças, pois somente assim esta relação família x escola ocorrerá e proporcionará uma educação realmente eficaz.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, F. de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BORDIEU, P. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- CANHOTO, A. M.. *Educar para um mundo novo*. São José do Rio Preto, SP: Ativa, 2003.
- CARVALHO, J. M. de. *Cidadania no Brasil*. O longo caminho. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- COMPARATO, F. K. *Educação, estado e poder*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CONCEIÇÃO, S. da; MAGRINI, E. C. H. Os caminhos o comportamento agressivo no cotidiano escolar. In *Educere et Educare: revista de educação (Impresso)*, v. 3, p. 101-118, 2008.
- CONCEIÇÃO, S. da; GUIMARÃES, E. dos S. O. Estado, diversidade racial e educação brasileira. In *Educere et Educare: revista de educação (Impresso)*, v. 4, n. 8, abril de 2010.
- CURY, C. R. J. *Lei de Diretrizes e Bases na Educação (Lei 9.394/96)*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- DURKHEIM, É. A educação como processo socializador: função homogeneizadora e função diferenciada. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. *Educação e Sociedade*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

- FERNANDES, F. *Educação e Sociedade Brasileira*. Domus Editora, 1966.
- FERNANDES, F. *Sociedade de classe e subdesenvolvimento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.
- FERNANDES, F. O dilema educacional brasileiro. In: PEREIRA, Luiz.; FORACCHI, Marialice M (org.). *Educação e Sociedade*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- GENTILE, P. Família e escola. *Nova Escola: a revista de quem educa*, São Paulo, Junho/Julho de 2006, p. 35.
- MORRISH, I. *Sociologia da educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- RIBEIRO, J. Q. Formas do processo educacional In PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. *Educação e sociedade*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- RIBEIRO, M. L. S. *História da educação brasileira: a organização escolar*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- ROMANELLI, O. de O. *História da educação no Brasil.(1930/1973)*. 8. ed. Petrópoles, RJ: Vozes, 1978.
- SAVIANI, D. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. São Paulo: Saraiva, 1973.

ⁱ Na oportunidade em que desenvolvemos esse trabalho fizemos a opção por não incluir professores nas entrevistas não por desmerecimento, mas pelo fato de termos um tempo razoavelmente estreito para realizar as entrevistas, sistematizar e analisar os dados coletados. Atualmente, apresentamos um projeto de pesquisa na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no qual propomos estudar a relação escola-comunidade desenvolvendo entrevistas não apenas com pais de alunos e coordenadores pedagógicos, mas também alunos e professores.

ⁱⁱ Bourdieu ressalta que as diferenças culturais entre os alunos das diversas classes sociais seriam menos evidentes nos ramos mais elevados do sistema de ensino. Isso ocorreria porque os alunos das classes médias e populares que chegam a esse nível do sistema de ensino já teriam passado por um processo de "super-seleção", no qual teriam sobrevivido aqueles que menos se distanciavam da cultura escolar.

ⁱⁱⁱ As respostas dadas por coordenadoras e pais, em cada uma das escolas, foi organizado da seguinte maneira: EMEL, letra A; escola particular, letra B; escola de tempo integral (Creche), letra C.

^{iv} Entendendo-se por fase final apenas a fase na qual o evento efetivamente realizava-se, ou seja, a família/comunidade não participava da elaboração, organização, planejamento das atividades a serem realizadas na escola.